DOI: https://doi.org/10.23925/1677-1222.2026vol26i2a9

CC BY NC

SEÇÃO INTERCÂMBIO

Folia de São José do quilombo Carrazedo: a arte em consequência da fé

Folia de São José do quilombo Carrazedo: art as a consequence of faith

*Fábio José Brito dos Santos**

Resumo: A folia é o elemento essencial de todas as atividades comemorativas da festividade de São José do quilombo Carrazedo, localizado no município de Gurupá, estado do Pará, a expressão tem as primeiras aparições em Portugal, mas em Gurupá se instalou por volta do século XVIII, contendo inúmeros objetos sagrados e funções, musicalidade e outros elementos que embelezam a sagrada expressão, essa pesquisa é parte da dissertação de mestrado em Ciências da Religião, pesquisada e defendida na Universidade do Estado do Pará – UEPA. O objetivo deste estudo é analisar a folia a partir dos seus elementos constituintes. Como caminho metodológico usou-se a abordagem qualitativa, realizada por meio de uma etnografia participante e aplicação de entrevistas. Em resumo, concebeu-se a folia como uma manifestação repleta de significados em suas configurações, atuação e jamais aleatória, os encargos exercidos são inerentes aos instrumentos musicais e principalmente através da hierarquia categorizada, diante disso, são fundamentados mediante a respeitabilidade e veneração ao santo, que constituem sua identidade religiosa e cultural.

Palavras-chave: Folia; quilombo; devoção; música; sagrado.

Abstract: Revelry is the essential element of all activities commemorating the festival of São José in the Carrazedo quilombo, located in the municipality of Gurupá, state of Pará, the expression has its first appearances in Portugal, but in Gurupá it was established around the 18th century, containing countless sacred objects and functions, musicality and other elements that beautify the sacred expression, this research is part of the master's thesis in Religious Studies, researched and defended at the State University of Pará – UEPA. The objective of this study is to analyze the festivities based on its constituent elements. As a methodological path, a qualitative approach was used, carried out through participant ethnography and interviews. In short, the revelry was conceived as a manifestation full of meanings in its configurations, performance and never random, the duties exercised are inherent to musical instruments and mainly through the categorized hierarchy, in view of this, they are based on respectability and veneration of the saint, which constitute their religious and cultural identity.

Keywords: Revelry; quilombo; devotion; music; sacred.

* Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), quilombola amazônida, docente da Educação Básica e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1390-735X.

Introdução

As cerimônias da folia são estruturadas de simbolismo, os encargos de cada folião são fragmentados a uma hierarquia no grupo rítmico, assim carregam consigo um total respeito por cada etapa, expressando um sublime zelo por cada objeto usado na entoação e execução das melodias sagradas.

Por conseguinte, a folia é como uma arte em consequência da fé, a partir do contexto histórico e da configuração categórica dos foliões, exercidos por ritmistas que são prestigiados por todos, assegurando uma responsabilidade de abrir, desenvolver e encerrar a festividade, autoridade essa que é intransferível para quaisquer outros. Nesse sentido, os foliões é que vivificam a festa, a fim de que:

> Suas jornadas não se esgotam apenas com sua participação. Também encontramos durante suas realizações os patrocinadores dos festejos, para quem os foliões também estão a 'trabalho', os moradores (a quem os foliões visitam em suas casas), os acompanhantes (devotos que cumprem a jornada ao lado dos foliões) e toda uma série de outros agentes igualmente importantes que participam de maneira ativa das rezas, dos cantos, dos almoços, dos jantares e dos momentos de sua preparação (Pereira, 2014, p. 3).

Metodologicamente o estudo é de natureza qualitativa, por meio de uma etnografia participante, a qual, o pesquisador vivenciou a edição da festividade realizada no ano de 2022. Paralelamente, deu-se ênfase, como aporte teórico, os estudos de autores clássicos que já fizeram investigações significativas sobre tal objeto, sendo eles:

O livro intitulado *Uma comunidade amazônica* do grande antropólogo Charles Wagley (1957) concebe uma pesquisa pioneira na região de Gurupá, com investigações e observações essenciais para o entendimento do corpo social amazônico e suas expressões culturais e religiosas.

Não menos importante, foi utilizada como base a pesquisa de Eduardo Galvão (1955) em seu livro *Santos e visagens,* que, em suas etnografias, analisa as manifestações religiosas em Gurupá, dando enfoque aos foliões das festividades presentes na cidade e às irmandades quilombolas da zona rural.

Ademais, aplicou-se entrevistas semiestruturadas a dois foliões anciões da comunidade, que presenciaram as mudanças obtidas ao longo do tempo ou ainda vivenciam a manifestação, sendo eles: Aguinaldo dos Santos Benaion (70 anos) que atuou por muito tempo como folião de São José, inclusive desempenhava o papel de mestre-sala e José Lima (67 anos) sendo conhecido popularmente como "abacatão", sendo um dos foliões com maior experiência, destaca-se principalmente como tamboreiro, nos últimos anos também atua como coordenador do grupo rítmico.

Folia: aspectos, simbolismos e religiosidade

A folia religiosa não é uma raridade de se apreciar, praticamente de norte a sul do país são encontradas popularmente em suas mais diferentes representações, ou seja, suas organizações e estruturas são variáveis, sofrendo interferências diretas dos momentos históricos e miscigenações históricas.

A cientista social Lôbo (2017) explica que essas práticas religiosas são de origem lusitana, foi inserido no Brasil juntamente com a formação colonial das Américas, a sua finalidade é divulgar e transmitir as devoções a um determinado santo católico a partir de uma expressão conjunta, são homenageados: São Sebastião, Santa Efigênia, Divino Espírito Santo, São João, Santana, Santa Bárbara, dentre outros.

Em Gurupá a folia foi estabelecida nos quilombos sem uma data concreta. Eventualmente, no final do século XVIII, a matriz negra retifica o perfil da população, agregando não só a mão de obra, mas especialmente a cultura, religiosidade e identidade afro, contudo, com o catolicismo já firmado, os negros tiveram que se adaptar de maneira suave às manifestações religiosas, ainda de forma muito limitada.

Certamente com a transição do século XVIII para o XIX, as configurações foram se modelando com a presença dos negros, visto que, com o enfraquecimento e ausência da igreja católica causadas pela reforma pombalina; padres e missionários foram desaparecendo ou ficando mais distante desses territórios, diante disso, a organização festiva foi sincretizando com a matriz negra, até mesmo de forma involuntária, que protagonizaram os negros nas folias e estruturaram os elementos presentes atualmente (Wagley, 1957).

De acordo com Eduardo Galvão (1955), pontua-se que, no início do século XX, com o estabelecimento fixo de padres para a condução da igreja católica na sede do munícipio, a manifestação da folia foi fortemente desaprovada e censurada pelo sacerdócio nas festividades da zona urbana, considerando os próprios foliões como hereges, dessa forma, tentaram coibir a folias nos quilombos, dessa vez, sem sucesso, em função disso, ocorreram revoltas e descontentamento da população preta em Gurupá.

Os batuques da folia remetem-se à musicalidade afro-brasileira do catolicismo popular, por isso, foi tão perseguida pelas autoridades oficiais da igreja católica. Os toques foram agregados gradualmente, contendo seus ritmos, cadências de percussão e até instrumentos, manifestação essa tipicamente gurupaense, coro fundamental na veneração dos festejos de São José do Carrazedo e outras festividades da área quilombola gurupaense.

Os primeiros registros das folias em Gurupá se deram em 1948 pelos memoráveis antropólogos Charles Wagley e Eduardo Galvão, mediante expedições pela Amazônia. Os estudos etnográficos de ambos os pesquisadores foram desenvolvidos não só na cidade Gurupá, mas em quilombos nas adjacências do núcleo urbano.

Figura 1 - Foliões gurupaenses



Fonte: Charles Wagley (1948)

É comum que a folia aconteça em outras comunidades gurupaense, até mesmo as não quilombolas, que são organizadas com os mesmos pertencimentos e elementos sonoros, visto que, os integrantes costumam ser promesseiros ou devotos dos quilombos, isto é, foliões de outras festividades que aparecem durante o calendário festivo das comunidades.

A folia é uma característica genuína das festividades dos quilombos em Gurupá, esses acompanham a imagem do santo nas viagens entre as comunidades, fazem as coletas de donativos nas esmolas, também são uma espécie da guarda de honra, presentes nas ladainhas, novenários e missas, para ter uma boa folia depende muito do prestígio do santo e da repercussão que a festa tem na região (Galvão, 1955).

Nos festejos de São José do Carrazedo, são os foliões que cortejam todas as etapas das celebrações, desde os momentos iniciais até o término. Esses integrantes são geralmente moradores da comunidade ou de outros quilombos vizinhos e fazem uma espécie de intercâmbio anual, os mesmos são levados por sacrifício de promessas, agradecimentos ou devoção, e em muitas vezes são influenciados pela família, geralmente de forma voluntária.

O número de foliões varia muito, estimando-se de dez a vinte pessoas, mas nada é aleatório, pois a estrutura do grupo é hierarquizada, mesmo sendo comum o revezamento de alguns instrumentos nas celebrações. Os cargos são classificados na seguinte ordem: mantenedor, sargento, mestre-sala, alferes, tamboreiros, sacudidores e batedor de cacetete.

Essa ordem hierárquica é evidente nos intervalos de cada melodia executada, de maneira que ao terminar a primeira oração entoada é obrigatório que cada folião se benza nas fitas da imagem do santo, diante disso, o primeiro a se benzer é o mantenedor e posteriormente dá continuidade aos demais, respeitando a tradicional hierarquia, até que os últimos da ordem façam o mesmo.

Figura 2 - Mantenedor se benzendo



Fonte: Lucas Pimentel (2022).

As transformações e modificações provocadas pelo tempo fizeram com que alguns instrumentos desaparecessem da folia, como foi o caso da extinção do címbalo, além disso, havia os instrumentos de sopro e de cordas, que não eram permanentes, mas apareciam uma vez ou outra, bem como a flauta, os violões e os cavaquinhos (Galvão, 1955).

No conjunto atualmente, há três encargos que não usam instrumentos sonoros, são elementos sagrados e simbólicos, que inclusive tem os maiores pesos de respeito e responsabilidades, pois estes que mantêm as decisões e direcionamentos do grupo, como horários, encerramentos, permissões e caixa financeiro do santo.

O primeiro em ordem de importância é o mantenedor (ou andador) dos foliões como informado anteriormente, esse folião tem o direito de voz sobre todos os outros, ou seja, tem a maior ocupação do grupo, não só tem a liderança como protege o santo em todos os momentos, tendo como prioridade ater-se à imagem nos ritos como: ladainha, meia-lua, cerimônias do mastro, esmola e outros pontos determinados.

Esse folião no passado ocupava esse cargo vitalício, geralmente era o proprietário da imagem do santo, aquele que tinha grande prestígio entre os demais, comandava e administrava as contas e despesas do santo (Galvão, 1955). No presente, a incumbência desse cargo é mais limitada e não há regras para atuar, sendo também desempenhada por pessoas do gênero feminino e é substituído a cada ano, dependendo da demanda pessoal do indivíduo.

Um dos foliões diz a respeito dessas modificações e reitera sobre o funcionamento atual:

> O mantenedor é que possui a estola e o de maior mando do grupo inteiro, no passado esse folião era o dono da imagem ou da festa, por isso era o cargo mais elevado, ele era temido por todos, hoje em dia não mete medo a ninguém, mas todos respeitam (Lima, 2022).

Dando continuidade na organização da folia em ordem decrescente, em segunda escala vem o sargento (soldado), esse integrante sempre porta a alabarda, que é uma

cruz estilizada de madeira com representação cristã, pintada de cores frias, sustentada com apenas um dos braços, colocando sua base nas proximidades do pé.

Outro nome dado a esse mesmo folião é alabardeiro, no passado ele também exercia uma função de auxiliar do mestre-sala, ademais caprichava na observância da imagem, para que ninguém a desrespeitasse, inclusive tinha o dever de intimidar e reprimir os fiéis que não cumprimentassem a imagem, seja nas ruas, esmolação ou na igreja (Galvão, 1955).

A respeito desse cargo e das advertências que o sargento impunha sobre os desobedientes, confirma-se que:

> O sargento tem por objetivo manter a organização das cerimônias, eu lembro que na antiga vila esse folião não deixava ninguém entrar com chapéu na igreja, ele lançava o chapéu das pessoas com a própria alabarda, sempre mantinha um semblante sério observando a todos, tanto o sargento quanto o mantenedor são os vigilantes do santo (Lima, 2022).

O mantenedor e o sargento obtêm incumbências com muitas similaridades, geralmente, toda vez que o mestre-sala cita o nome de "São José" na entoação dos versos é obrigatório que ambos cumprimentem a imagem, essa reverência ocorre curvando-se a cabeça para baixo, no caso do sargento, ele também balanceia a alabarda em suas mãos suavemente.

Os dois foliões citados se estabelecem com maior proximidade do altar central, ficando frente a frente em suas posições tradicionais, sendo também os únicos foliões que permanecem em pé durante todo o cerimonial da ladainha ou novena. Abaixo observamos o mantenedor do lado esquerdo da imagem e sargenta à direita.

Figura 2 - Mantenedor se benzendo



Fonte: Lucas Pimentel (2022).

As transformações e modificações provocadas pelo tempo fizeram com que alguns instrumentos desaparecessem da folia, como foi o caso da extinção do címbalo, além disso, havia os instrumentos de sopro e de cordas, que não eram permanentes, mas apareciam uma vez ou outra, bem como a flauta, os violões e os cavaquinhos (Galvão, 1955).

No conjunto atualmente, há três encargos que não usam instrumentos sonoros, são elementos sagrados e simbólicos, que inclusive tem os maiores pesos de respeito e responsabilidades, pois estes que mantêm as decisões e direcionamentos do grupo, como horários, encerramentos, permissões e caixa financeiro do santo.

O primeiro em ordem de importância é o mantenedor (ou andador) dos foliões como informado anteriormente, esse folião tem o direito de voz sobre todos os outros, ou seja, tem a maior ocupação do grupo, não só tem a liderança como protege o santo em todos os momentos, tendo como prioridade ater-se à imagem nos ritos como: ladainha, meia-lua, cerimônias do mastro, esmola e outros pontos determinados.

Esse folião no passado ocupava esse cargo vitalício, geralmente era o proprietário da imagem do santo, aquele que tinha grande prestígio entre os demais, comandava e administrava as contas e despesas do santo (Galvão, 1955). No presente, a incumbência desse cargo é mais limitada e não há regras para atuar, sendo também desempenhada por pessoas do gênero feminino e é substituído a cada ano, dependendo da demanda pessoal do indivíduo.

Um dos foliões diz a respeito dessas modificações e reitera sobre o funcionamento atual:

> O mantenedor é que possui a estola e o de maior mando do grupo inteiro, no passado esse folião era o dono da imagem ou da festa, por isso era o cargo mais elevado, ele era temido por todos, hoje em dia não mete medo a ninguém, mas todos respeitam (Lima, 2022).

Dando continuidade na organização da folia em ordem decrescente, em segunda escala vem o sargento (soldado), esse integrante sempre porta a alabarda, que é uma cruz estilizada de madeira com representação cristã, pintada de cores frias, sustentada com apenas um dos braços, colocando sua base nas proximidades do pé.

Outro nome dado a esse mesmo folião é alabardeiro, no passado ele também exercia uma função de auxiliar do mestre-sala, ademais caprichava na observância da imagem, para que ninguém a desrespeitasse, inclusive tinha o dever de intimidar e reprimir os fiéis que não cumprimentassem a imagem, seja nas ruas, esmolação ou na igreja (Galvão, 1955).

A respeito desse cargo e das advertências que o sargento impunha sobre os desobedientes, confirma-se que:

> O sargento tem por objetivo manter a organização das cerimônias, eu lembro que na antiga vila esse folião não deixava ninguém entrar com chapéu na igreja, ele lançava o chapéu das pessoas com a própria alabarda, sempre mantinha um semblante sério observando a todos, tanto o sargento quanto o mantenedor são os vigilantes do santo (Lima, 2022).

O mantenedor e o sargento obtêm incumbências com muitas similaridades, geralmente, toda vez que o mestre-sala cita o nome de "São José" na entoação dos versos é obrigatório que ambos cumprimentem a imagem, essa reverência ocorre curvando-se a cabeça para baixo, no caso do sargento, ele também balanceia a alabarda em suas mãos suavemente.

Os dois foliões citados se estabelecem com maior proximidade do altar central, ficando frente a frente em suas posições tradicionais, sendo também os únicos foliões que permanecem em pé durante todo o cerimonial da ladainha ou novena. Abaixo observamos o mantenedor do lado esquerdo da imagem e sargenta à direita.

Figura 3 - Mantenedor à esquerda, Sargenta à direita



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Outras figuras impreteríveis são os alferes, esses são representados por dois foliões, determinados como o primeiro e segundo bandeirista, habitualmente esses materiais são doados também por promesseiros. Durante os cânticos versados, é obrigatório ao bandeirista balançar o mastro cada vez que for citado o nome do santo.

Noutro tempo, os bandeiristas eram chamados de Porta-bandeira, inclusive essas figuras já foram muito cobiçadas pelos foliões, pois elas davam prestígio ao indivíduo, em alguns casos podem se usar apenas uma bandeira, contudo em casos de maior relevância na festa, é mais comum o uso das duas (Galvão, 1955).

O relato sobre a criação das bandeiras nos dá uma amplitude na percepção desse elemento fulcral:

> A preferência na criação das bandeiras é que seja bem enfeita e mais colorida possível, elas são ferramenta embelezadas, de acordo com os antigos da época só desse jeito ela dá noção de vida e beleza, as fitas coloridas também fazem parte dessa tradição, quanto mais fita, melhor e mais linda ficam (Lima, 2022).

Nos instantes de cortejos, antes e após as ladainhas, essas bandeiras são posicionadas frontalmente uma para outra, isto é, nas adjacências do mantenedor e sargento, mas quando se encontram na locomoção em ar livre, elas se mantêm com a primeira sempre à frente dos ritmistas e a segunda atrás, os alferes também balanceiam as bandeiras toda vez que é mencionado o nome "São José" na entoação dos versos.

A imagem a seguir mostra as duas bandeiras com seus respeitantes membros no início de uma celebração:

Figura 4 - Alferes nas laterais



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Dando continuidade, após estes citados, apresentam-se os instrumentistas musicais – que são quatro no geral. O mestre-sala é o mestre de cerimônia, ou seja, o repentista e rimador, é ele que entoa os versos em forma de oração com seu raspador (reco-reco) na mão, sempre se pondo ao lado dos tambores, dificilmente outro folião porta esse instrumento, pois é específico do cantador.

Esse foi um dos poucos instrumentistas que pouco se alterou com o passar do tempo, ele prevalece sendo o solista, contudo a segunda voz é feita pelos demais foliões, além disto, o mestre-sala também aciona o primeiro sinal para reunião dos foliões que estejam dispersos, dado pelo raspador, é comum também haver um segundo mestre-sala que apenas acompanha com o raspador sem entoação, sendo capaz de substituir o efetivo em imprevistos ou em casos de cansaço (Galvão, 1955).

Figura 5 - Mestre-sala



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

O mestre-sala comanda musicalmente todos os cânticos, esse folião tem dupla ação na folia, de modo que canta e toca simultaneamente. O seu domínio nas cerimônias é observado com clareza, "o mestre-sala tem uma das funções mais importantes, esse

folião lança a primeira voz, devendo conhecer cada rima dos cânticos, sabendo também que cada momento tem uma melodia diferente" (Lima, 2022).

Em prossecução de ordem, há os tamboreiros, representados mais comumente por dois foliões, o tambor maior está sob o domínio de um folião mais experiente, e outro com o menor sob a ação de um folião mais jovem. Os tamboreiros sincronizam entre si, estes são posicionados centralmente do grupo à frente do altar, situados um lado do outro, os mesmos usam uma tira de tecido sobre o ombro quando estão mantendo-se de pé.

Os tamboreiros são os principais ritmistas da folia, as capacidades e experiências sempre determinam este cargo, no mínimo são necessários dois para foliar, que são batidos com as próprias mãos, sem necessidade de vaquetas, eles também são os que mais se expressam na segunda voz (Galvão, 1955).

Figura 6 - Tamboreiros



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Dificilmente há um terceiro tamboreiro, quiçá por pagadores de promessas em momentos muito específicos, "esses dois foliões são os puxadores da segunda voz, que respondem os versos do mestre-sala, sobretudo tocam e cantam tanto sentados sobre o instrumento quanto em pé" (Benaion, 2022).

Em penúltimo, entre o grupo, há os sacudidores do xeque-xeque, conhecidos também como milheiros, esses foliões são numerosos, não tendo um limite ou quantidade específica, variam entre quatro, cinco ou seis membros, são tocados em sua maioria por jovens, adolescentes ou crianças que se posicionam em forma de meia-lua na retaguarda dos outros ritmistas.

Figura 7 - Sacudidores



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

O último ritmista dentro da categoria dos foliões é o batedor de cacetete, esse instrumento é também chamado de cacete, geralmente, há apenas um tocador do mesmo, normalmente esse folião pode exercer um segundo instrumento ao longo das cerimônias, visto que, só pode ser tocado em momentos que os tambores estejam prostrados no chão, de modo que a folia demonstra um ritmo mais frenético.

Figura 8 - Folião do Cacetete



Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Esse folião se assenta sobre um tambor e bate com os dois cacetes sobre o cilindro do outro, assim o integrante tem a funcionalidade em acompanhar as trocas de toque executadas pelos tamboreiros, ou seja, é subordinado aos comandos sonoros do tambor. De acordo com as memórias dos foliões mais antigos, esse instrumento tinha outro objetivo nos primórdios da folia, "assim o folião do cacetete tinham que conhecer todos os versos e as mudanças de toques, pois era ele que ordenava essas modificações da música, hoje em dia ele não tem essa função de decisão, já é contrário, ele é subordinado aos outros" (Lima, 2022).

Esses dois últimos ritmistas são categorizados como secundários, consideram-se esses foliões com poucas experiências e menos preparação para execução, não que seja desimportante para o produto musical, mas é a percepção não só do grupo por completo, como também dos próprios instrumentistas do milheiro e do cacetete.

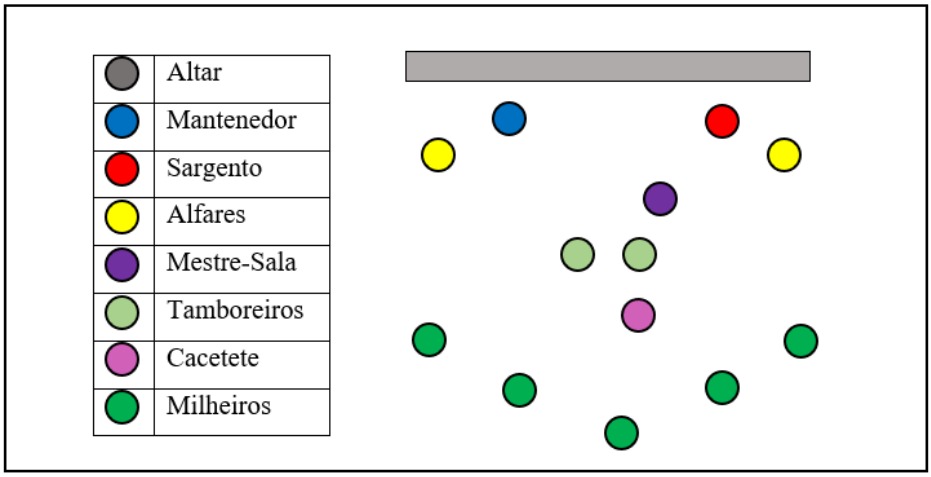
O entendimento dos foliões sobre os instrumentos manuseados é repassado oralmente, não possuindo um concurso ou teste para quem vai tocar tal instrumento, normalmente prevalecem os apontamentos dos mais velhos, esses critérios podem ser pautados nas experiências que cada pessoa possui sobre tal percussão ou na promessa e graça alcançada pelo devoto.

Esses requisitos são baseados nas vivências que a comunidade sofreu no decorrer de anos de festas, partindo também da concepção que os foliões e comunitários possuem sobre um objeto e instrumento musical, talvez seja influenciada pelo mesmo entendimento que os antecessores obtinham há anos, assim essa ideia vem se reproduzindo com tais modificações temporais, de modo que a assimilação não foi na primeira aproximação, mas com as memorações que os foliões tem sobre tal instrumento, essa "percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam" (Bergson, 1999, p. 154-155).

Segundo o autor, a representação, na percepção que alguém possui por tal objeto, é a mesma que foi estabelecida factualmente com o passar do tempo, assim, se foliões inexperientes fazem uso de tal instrumento, racionalmente terão uma percepção de igual sobre o próprio.

Outro exemplo dessa percepção memoriosa é a caracterização do posicionamento de cada folião, tem uma posição única que não oscila nem reveza em nenhum momento de sua formalidade, os foliões não sabem responder o porquê desse formato, porém desempenham tipicamente ao longo do tempo e independem do local, sendo na igreja, nas residências em esmolações ou barraca comunitária. A ilustração abaixo exprime a configuração exclusiva dos respectivos encargos da folia.

Figura 9 - Posições dos Foliões



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Nos protocolos de cerimônias da folia, esses posicionamentos são invariáveis, mesmo que em alguns atos os foliões com instrumentos sagrados são retirados de cena, mas os demais não revezam, muito menos alteram seus lugares entre si. Diante disso, percebe-se que o altar na igreja é um ponto de referência para o grupo, "os foliões sempre olham fixamente para a imagem no altar, todos os cantos são direcionados para o santo e em nenhum momento o grupo pode ficar de costas para o altar, isso me recordo desde sempre, é um momento sem igual" (Benaion, 2022).

Esse enunciado exprime que as posições e atuações em conjunto resultam nesse sentimento ímpar dos instrumentistas, o sentimento emotivo não se centraliza apenas no individual, mas fundamentalmente no agrupamento, resultando no produto fascinante para os foliões. A folia como expressão artístico-religiosa proporciona involuntariamente esse deslumbramento da arte como expressão de fé. Partindo do catolicismo popular, a comoção é ainda mais marcante, de tal forma que "todas estas crenças e todos estes ritos nos conduzem, sem dúvida, ao domínio da mentalidade mágica" (Eliade, 1979, p. 110).

Por consequência, os foliões conotam a folia como uma manifestação sublime e estonteante, de um valor não só musical, mas espiritual, possibilitando esse contentamento nas obrigações com o santo, provenientes do respeito, no olhar e na doação com as cerimônias de devoção.

Conclusão

Durante a construção da pesquisa, buscou-se compreender toda a caracterização simbólica da folia, numa dimensão religiosa e sociocultural, na investida dos mais diversos conceitos que abarcam a manifestação em sua extensão integral.

Nesta intenção, o estudo explorou os múltiplos processos que se relacionaram com a cultura quilombola local, sua concepção histórica, a memória dos comunitários em relação ao desenvolvimento, mudanças e adaptações, a narrativa a respeito dos elementos que constituem a folia e principalmente os tais significados que se estabelecem o grupo rítmico.

A folia quilombola de São José é um conjunto sistematizado, que em veneração ao santo dispõe de momentos singulares, uma expressão que mesmo com a dimensão local, reflete uma forte resistência acerca das opressões e censura sofrida pelas autoridades da igreja católica, transformando-se hoje como principal identidade cultural dos quilombos gurupaenses.

Por fim, o público especificado obtém uma escassez significativa de referências bibliográficas, isso se deve também pela localização ainda distante dos grandes núcleos urbanos e afastado geograficamente das universidades, assim, são invisibilizados academicamente, em especial dos estudos de pós-graduação *stricto sensu.* Diante dessa realidade, as leituras, pesquisas, consultas e seleção dos materiais para o embasamento teórico foram o mais refinadas possível, que inclusive se fez necessário uma etnografia para explanação do objeto estudado.

Referências

BENAION, Aguinaldo dos Santos. *Aspectos gerais da Folia de São José*: depoimento [17. mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carrazedo-Gurupá-PA: Igreja de São José do Carrazedo, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA. 0h 08m 31s.

BERGSON, H. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.

GALVÃO, E. *Santos e Visagens*: um estudo da vida religiosa de Ita – Baixo Amazonas. São Paulo: Nacional, 1955.

LIMA, José. *Aspectos Gerais da Folia de São José, contexto histórico, manuseio e significado dos objetos*: depoimento [17. mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carrazedo-Gurupá-PA: Residência do entrevistado, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h20m07s.

LÔBO, A. S. *Sons e movimentos [manuscrito]:* sentidos do sagrado na musicalidade da folia de santos Reis de Pirenópolis, Goiás. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

PEREIRA, Luzimar Paulo. O giro dos outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, Minas Gerais. *Mana*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 545-573, 2014.

PIMENTEL, Lucas. *Álbum Folias de São José do Carrazedo.* Gurupá: Fotografia, 2022. Color.

WAGLEY, C. *Uma comunidade amazônica:* o estudo do homem nos Trópicos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

WAGLEY, C. *Álbum Foliões gurupaenses*. Gurupá: Fotografia, 1948. Preto e Branco.

Recebido em: 16/03/2025

Aprovado em: 14/01/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editores responsáveis: André Ricardo de Souza & Paulo Gracino Júnior.